



CINCO PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E FILOSÓFICOS PARA PROBLEMATIZAR O ENSINO DE FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E SUPERIOR

TEIXEIRA, Luciana da Silva; HORN, Geraldo Balduino. **Didática do ensino de filosofia: pressupostos teórico-metodológicos**. Curitiba: CRV, 2017.

Anderson Luis da Paixão Café
TJ-BA

Quem já passou pela experiência de cursar uma licenciatura em filosofia, em quaisquer das universidades públicas e/ou privadas no Brasil, deve lembrar-se de que as disciplinas voltadas para a socialização de conteúdos propriamente filosóficos são ofertadas, de modo geral, no prédio da faculdade de filosofia e ciências humanas enquanto que as disciplinas direcionadas para a aprendizagem de conteúdos didáticos são disponibilizadas, quase sempre, no prédio da faculdade de educação da mesma instituição de ensino.

Além das distâncias físicas entre esses dois centros de formação educacional, é certo que os educandos, em alguns momentos de suas formações, perceberam ou ainda percebem as distâncias epistêmicas entre essas duas grandes áreas do saber, pois não é incomum de se pensar que o núcleo duro da formação filosófica é de competência da filosofia enquanto que a formação didática é da alçada do campo pedagógico que deve complementar, entre todas as aspas, a formação do futuro professor de filosofia. Mas será que a formação do licenciado em filosofia deve ser realizada dessa forma? Será que já não é hora de a filosofia parar no sentido de pensar a respeito de suas próprias formas de ensinagem? Por que secundarizar as técnicas, os métodos e as metodologias de ensinagem como se elas fossem apenas um conjunto de estratégias pedagógicas a serem apreendidas e aplicadas em sala de aula sem quaisquer questionamentos a respeito de suas concepções filosóficas?

Foi com o intuito de pensar sobre a disjunção, a ruptura ou a separação construída historicamente entre a filosofia e a educação que a professora Luciana da Silva Teixeira e o professor Geraldo Balduino Horn lançaram, em 2017, pela editora CRV, o livro intitulado “Didática do ensino de filosofia: pressupostos teórico-metodológicos”, cujo objetivo consistiu em apresentar, para a comunidade filosófica, uma obra a partir da qual se pudesse pensar a respeito dos métodos e das metodologias de ensino da filosofia sob a ótica dos pressupostos teóricos e filosóficos construídos ao longo da história da filosofia ocidental.

Neste livro, os autores colocaram à disposição dos leitores as suas concepções sobre o ensino filosófico decorrentes de suas experiências enquanto membros do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o ensino de filosofia, da Universidade Federal do Paraná, coordenado pelo professor Geraldo Balduino Horn que é graduado em filosofia com mestrado, doutorado e pós-doutorado em educação. A consistência teórica da obra revelou o quanto os seus autores estão alinhados em suas concepções sobre o ensino de filosofia e isso pode estar associado ao fato de ambos terem obtido uma formação universitária

muito aproximada, visto que a professora Luciana da Silva Teixeira também possui graduação e licenciatura em filosofia com mestrado e doutorado no campo da educação.

Ao se deparar com a capa do livro pela primeira vez, o leitor já é provocado a pensar sobre quais seriam as contribuições de cinco grandes pensadores da história da filosofia moderna e contemporânea (Jean-Jacques Rousseau; Immanuel Kant; Friedrich Hegel; Agnes Heller e Theodor Adorno) para o ensino da filosofia em tempos marcados, sobretudo, pelo pragmatismo e pelo utilitarismo que tem levado os sujeitos a pensarem muito mais sob uma ótica adaptativa do que propriamente emancipativa.

Nesse sentido, se o ensino de filosofia não deve se restringir ao domínio de um conjunto de métodos e/ou metodologias voltadas, unicamente, para a transmissão de saberes filosóficos no intuito de adaptar os educandos à história da filosofia, como defendem Teixeira e Horn (2017), é preciso pensá-lo sob uma ótica filosófica, ou seja, emancipatória, visto que o professor ou a professora de filosofia são convidados “[...] a atuarem como pensadores e pensadoras [e não] como transmissores acríticos de um saber que supostamente dominam ou como técnicos que aplicam estratégias didáticas idealizadas por especialistas” (CERLETTI, 2009, p. 9).

Dessa maneira, utilizando-se de uma linguagem clara, objetiva e direta, Teixeira e Horn (2017) estruturaram a obra em cinco grandes capítulos teórico-epistemológicos que foram concebidos a partir das contribuições de cada um dos cinco filósofos citados acima com o intuito muito mais de provocar; questionar; interrogar e indagar os seus leitores do que propriamente de lhes apresentar um guia; um roteiro ou um manual, à moda de uma cartilha instrutiva, a ser utilizada pelos professores ou pelas professoras a fim de difundirem conteúdos filosóficos, em sala de aula.

Nesse sentido, Teixeira e Horn (2017) iniciaram a sua discussão apresentando uma interessante perspectiva sobre educação filosófica lida a partir do genebrino Jean-Jacques Rousseau. Para esse que é, sem dúvida alguma, um dos maiores pensadores da história da filosofia ocidental, todo o movimento dos educadores, em sala de aula, deve ser direcionado para tornar os seus educandos mais livres, pois é conhecida a máxima rousseauiana de que o homem “[...] é uma pessoa livre, que escolhe o que deseja para si” (TEIXEIRA; HORN, 2017, p. 25), mas a sociedade, ao longo do tempo, o aprisionou, através da desigualdade social que criou a competição e a degradação humana.

Baseando-se na leitura e na interpretação de alguns livros de Rousseau, sobretudo, do “Emílio ou da Educação”, obra pedagógica por excelência do pensador, Teixeira e Horn (2017) argumentaram que a educação, trabalhada em sala de aula, não deve se resumir a uma educação livresca; a um saber meramente acadêmico ou intelectual, no qual a memória do educando é privilegiada em face de sua razão e de sua capacidade de ação, mas, muito pelo contrário, o ensino filosófico deve ser pautado em ações transformadoras e questionadoras, pois a educação, sob a ótica de Rousseau, é pensada para dar ao educando “[...] a capacidade de ele descobrir suas próprias dificuldades, de pensar por si mesmo. Porém, esse processo de descoberta ocorre num ambiente de troca de experiências” (TEIXEIRA; HORN, 2017, p. 35).

Além de adotarem uma perspectiva rousseauiana com o intuito de pensar sobre a educação filosófica na qual os educandos deveriam ser educados na intenção de serem cooperativos e solidários ao invés de individualistas e competitivos, à maneira dos homens das sociedades contemporâneas, Teixeira e Horn (2017) trouxeram, também, as concepções de outro grande pensador da história da filosofia ocidental: Immanuel Kant, sobretudo as suas discussões sobre o tema da educação filosófica.

Conhecido como o pensador da razão; do esclarecimento ou do entendimento, Kant é, sem dúvida alguma, um dos marcos da história do pensamento filosófico ocidental que tentou responder a, pelo menos, três grandes questões: o que se pode conhecer; como se deve agir e como se deve julgar, objeto das três críticas: da razão pura; da razão prática e da faculdade de julgar. Mas o que Kant pensou em relação à educação filosófica? É preciso entender, conforme disseram Teixeira e Horn (2017), que, para Kant, a educação é um movimento que conduz o aprendiz de sua condição de menoridade, isto é, de sua incapacidade de fazer uso próprio da razão para a condição de maioridade, quando ele é

capaz de “[...] criar e produzir novos conhecimentos, fazendo uma análise crítica ao que já existe [porque filosofar, de acordo com Kant], é atingir a autonomia de pensar; é alcançar o esclarecimento”, por meio da razão (TEIXEIRA; HORN, 2017, p. 55).

Enquanto Kant defendia a tese de que não era possível ensinar filosofia, mas apenas a filosofar porque a filosofia, enquanto corpo de conhecimento aberto e incompleto, nunca estaria pronta e acabada para ser ensinada, Friedrich Hegel, outro teórico trazido por Teixeira e Horn (2017), defendia justamente o contrário, ou seja, pensar em ensino de filosofia pressupõe acesso à sua história. Nesse sentido, o educador filosófico, conforme Hegel, seria aquele capaz de conhecer os conteúdos filosóficos produzidos na história da filosofia de maneira a preparar os educandos para serem capazes de pensar sobre os problemas de seu tempo; de sua época. Aliás, Silvio Gallo (2012, p. 20), enfatizou essa concepção Hegeliana de filosofia, entendida enquanto filha do seu tempo, ao dizer que esse saber deve ser ensinado de modo a preparar os estudantes para “[...] manejarem os conceitos criados na história da filosofia como ferramentas a serviço da resolução de problemas específicos [de seu tempo]”.

O ensino de filosofia, na perspectiva do professor e pesquisador Silvio Gallo (2012), não deveria permanecer restrito à disseminação da história geral da filosofia, mas precisaria ser ensinado como uma experiência verdadeiramente produtiva, através da qual os educandos fossem capazes de fabricarem conceitos próprios e apropriados, como também defendeu o professor e pesquisador Dante Galeffi (2019), que lhes permitissem analisar criticamente à realidade material e concreta, de modo a fazer com que o arcabouço conceitual da filosofia pudesse fazer sentido para as suas vidas.

É com base nessa tese da necessidade de uma filosofia contextualizada e localizada histórica e socialmente que Teixeira e Horn (2017) trazem, na obra, o pensamento da filósofa Agnes Heller com o objetivo de pensar o ensino de filosofia para além da transmissão passiva de conhecimentos filosóficos. Para Agnes Heller, uma filosofia radical não pode se resumir a uma pura e simples socialização de saberes da história da filosofia. De acordo com a filósofa, uma filosofia radical é aquela que penetra nas massas; que instiga as pessoas a questionem a si; ao outro e ao mundo não aceitando, portanto, as verdades que lhes são impostas como únicas e acabadas. O ensino de filosofia, conforme Heller, precisa ser essencialmente maiêutico, isto é, fundamentalmente questionador da realidade dada como pronta e finalizada e, para isso, é preciso que os educadores entendam os dispositivos de poder e de controle que foram criados, historicamente, pelos grupos hegemônicos e privilegiados com o intuito de alienar e escravizar as mentes e os corpos dos sujeitos nas sociedades contemporâneas.

Por fim, mas não menos importante, Teixeira e Horn (2017) trouxeram as concepções filosóficas de Theodor Adorno, pensador da escola de Frankfurt, que defendeu a ideia de uma filosofia pensada enquanto um movimento permanente e contínuo de crítica à atualidade dos tempos. Na concepção de Adorno, a filosofia precisa fornecer um instrumental suficiente e necessário para que os sujeitos sociais pensem por conta própria e não se submetam às lógicas adaptativas que pretendem sujeitá-los e dominá-los, retirando-lhes, inclusive, a auto-estima para pensar criticamente e autonomamente. E qual seria, então, o papel da educação filosófica nessa empreitada adorniana? Na ótica de Adorno, a escola não pode se restringir a um espaço de conformação dos sujeitos, pois, de acordo com ele, a escola é “[...] o espaço privilegiado para desbarbarizar a sociedade. Para tanto, o professor não deve ser um vendedor de conhecimentos, e sim aquele que possibilitará o acesso crítico e reflexivo ao saber de maneira tal a propiciar a reflexão filosófica” (TEIXEIRA; HORN, 2017, p. 113).

À guisa de conclusão, pode-se dizer que a leitura de “Didática do ensino de filosofia: pressupostos teórico-metodológicos” é obrigatória para todos aqueles e aquelas que militam no campo da educação filosófica e que querem, acima de tudo, superarem a cisão construída, historicamente, entre a formação filosófica e a formação pedagógica. A leitura da obra é indicada, também, para todos os professores e professoras de filosofia que querem problematizar as suas próprias formas de ensinagem de conteúdos filosóficos em sala de aula, tornando, elas mesmas, objeto de críticas e reflexões permanentes, pois é

dessa crítica contínua que emergirá um ensino filosófico reflexivo, criativo, inventivo e imaginativo capaz de fazer dos educandos sujeitos cada vez mais apaixonados pelo universo da filosofia, fazendo-o construir as suas vidas, conforme lembra o filósofo francês Michel Foucault, como uma verdadeira obra de arte à disposição da humanidade.

Referências

- CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: autêntica, 2009.
- GALEFFI, Dante Augusto. **Filosofar & Educar 2**: quando filosofar é educar. Curitiba: CRV, 2019. 180 p. (Coleção: Filosofar & educar, v.2).
- GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- TEIXEIRA, Luciana da Silva; HORN, Geraldo Balduino. **Didática do ensino de filosofia**: pressupostos teórico-metodológicos. 1.ed; Curitiba: CRV, 2017.

Doutor em Difusão do Conhecimento e Mestre em Ciência da Informação (Universidade Federal da Bahia-UFBA)
Servidor do Tribunal de Justiça-BA
E-mail: andersoncafe2011@gmail.com